IX Colóquio Internacional São Cristóvão/SE / Brasil
"Educação e Contemporaneidade" 17 a 19 de setembro de 2015
ISSN 1982-3657

IMPRESSÕES SOBRE AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM E POSSÍVEIS ESTRATÉGIAS HUMANIZADAS DE SUPERAÇÃO SOB O PONTO DE VISTA DE LICENCIANDOS DO CURSO DE PEDAGOGIA

MARIA APARECIDA ALVES DA SILVA
ANA LÚCIA GALVÃO LEAL CHAVES

EIXO: 12. PSICOLOGIA, APRENDIZAGEM E EDUCAÇÃO: ASPECTOS PSICOPEDAGÓGICOS E PSICOSSOCIAIS

IMPRESSÕES SOBRE AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM E POSSÍVEIS ESTRATÉGIAS HUMANIZADAS DE SUPERAÇÃO SOB O PONTO DE VISTA DE LICENCIANDOS DO CURSO DE PEDAGOGIA

Eixo temático: 12. Psicologia, Aprendizagem e Educação: aspectos psicopedagógicos e psicossociais.

Resumo

Este artigo resulta de uma pesquisa com 27 licenciandos do Curso de Pedagogia, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), do Centro Acadêmico Agreste (CAA), e tem por objetivo verificar as possíveis formas de enfrentamento e superação das dificuldades encontradas no âmbito educacional pelos discentes. Nesta pesquisa, a maioria dos participantes valorizou posturas mais humanas por parte dos professores, sem excluir a necessidade da técnica e do aparato metodológico. Parece haver uma compreensão de que um tratamento mais humano pode repercutir positivamente na inclusão dos alunos, fortalecendo a sua resiliência e potencializando a sua aprendizagem. Outro aspecto merecedor de destaque foi a importância majoritária dada à interação (professor-aluno e aluno-aluno) na superação das dificuldades de aprendizagem.

Palavras-chave: Resiliência; Educação; Formação Humana.

Abstract

This article results from a study with 27 undergraduate students the Pedagogy course at the Federal University of Pernambuco (UFPE), the Academic Center Wasteland (CAA), and aims to determine possible ways of coping and overcoming the difficulties encountered in the educational field by students. In this research, most participants appreciated more human postures by teachers, not excluding the need for technical and methodological apparatus. There seems to be an understanding that more humane treatment may reflect favorably on the inclusion of students, strengthening their resilience and enhancing their learning. Another important aspect was the worthy majority importance given to interaction (teacher-student and student-student) in overcoming learning difficulties. **Keywords:** Resilience; Education; Human Formation.

Introdução

Este artigo resultou de uma pesquisa realizada com licenciandos do Curso de Pedagogia, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), do Centro Acadêmico Agreste (CAA), e tem por objetivo verificar as possíveis formas de enfrentamento e superação das dificuldades encontradas no âmbito educacional pelos discentes e a importância que dão às relações humanizadas professor-aluno. Como entendemos que a superação das dificuldades de aprendizagem nem sempre será tarefa fácil, lidar com a mesma implica em certa dose de resiliência por parte dos envolvidos. Mas o

que seria resiliência?

A capacidade das pessoas manterem-se íntegras e conseguirem superar as adversidades do caminho se chama resiliência (ANTUNES, 2007). Representa um conceito desenvolvido e usado na Física e Engenharia, para designar o retorno de um material à forma original depois de passar por um processo de dilatação, compressão, entre outros, sem sofrer deformação (TAVARES, 2001). Nas Ciências Humanas, contudo, a compreensão é diferente. Em Psicologia, se refere à capacidade de resistência, adaptação e mais, de superar as tensões e condições adversas que nos deparamos cotidianamente. Para Poletto e Koller (2008), após sofrer um abalo emocional ou vivenciar uma situação traumática, a pessoa não volta à forma anterior, ela se transforma.

A função do professor não está restrita a de mero transmissor de conteúdos. Para Leal (2011), muito mais do que favorecer e/ou estimular o desenvolvimento cognitivo dos alunos, para nós, uma missão efetivamente educacional é quando o educador, em sua inteireza, assume o compromisso com a formação humana de seus educandos.

A autora acredita que,

muito além da formação pedagógica tradicional é importante tentar reconhecer e legitimar as diferenças e singularidades dos alunos, aprendizes que tanto ensinam. Há de haver vontade, coragem, humildade, compromisso e respeito, para que uma mudança efetiva tenha maiores chances de ocorrer (p.30)

Sudbrack e Dalbosco (2005) chamam a atenção para vários fatores de risco presentes na escola, tais como: falta de negociação de normas e regras, relações interpessoais desrespeitos em relação ao desempenho dos alunos, atividades acadêmicas pouco criativas, relação professor aluno carente de afetividade, baixo nível de confiança no ambiente escolar, pouco incentivo ao altruísmo, cooperação e solidariedade e presença de estigma (rótulo) em relação a certos alunos. Nessa linha de raciocínio, as significações acerca do não aprender, a postura do professor, a escola como ambiente, os recursos oferecidos, muitas vezes não favorecem a superação das dificuldades de aprendizagem.

Simões (1996) considera que mais do que de um repertório de capacidades de ensino, a formação de professores necessita ser permeada por uma dimensão de pessoalidade que, embora assente na identificação das circunstâncias práticas cotidianas, transcende esta mera restrição contextual. Neste sentido, a noção de integralidade nos apresenta como um novo referencial a partir do qual pode emergir um caminho de superação aos problemas da educação na contemporaneidade.

Para que uma abordagem integral de fato ocorra, o professor precisa ter consciência dos efeitos de seus atos e do poder de metamorfosear a vida do aluno, influenciando na sua tomada de decisão, auxiliando-o no fortalecimento das capacidades de responderem de modo consistente as adversidades da vida. Assim, fora a família e pessoas próximas, ele pode ser, com frequência, o adulto que serve de modelo positivo para seus alunos.

Como já dissemos, este trabalho visou verificar as possíveis formas de enfrentamento e superação das dificuldades utilizadas por discentes e saber até que ponto seus docentes contribuem para essa superação, fortalecendo as suas resiliências. Esperamos que seus resultados possam, de alguma forma, propiciar um ganho à vivência pedagógica, à partir da existência de reflexões acerca da importância de uma relação mais humanizada na Academia.

Fundamentação Teórica

Resiliência é um conceito que foi desenvolvido e usado na Física e Engenharia, sendo um de seus precursores o cientista inglês Thomas Young. Em 1807, ele descreveu experimentos sobre tensão e compressão de barras, buscando a relação entre a força que era aplicada num corpo e a deformação que essa força produzia.

Segundo Timoshenko (1953 *apud* BRANDÃO, 2009), nesta obra, Young fala de resiliência ao apresentar uma discussão sobre fraturas de corpos elásticos produzidas por impacto. Ao que parece, no entanto, o significado de resiliência para esse pesquisador não é o mesmo dos dias atuais, embora guarde semelhanças. Em determinado momento de seu texto, Young diz: “[...] o poder de resistir a um movimento muito rápido, o qual eu, em outra ocasião, arrisquei chamar resiliência” (p. 98).

Para Flach (1991), atribui-se o uso do termo em 1966, visando descrever as características psicológicas e biológicas exigidas para atravessar com êxito as mudanças na vida. Em Psicologia, “o estudo do fenômeno da resiliência é relativamente recente” (YUNES, 2003, p.77) e se refere à capacidade de resistência, adaptação e mais, de superar as tensões e condições adversas que nos deparamos cotidianamente.

Poletto e Koller (2008) destacam que nas Ciências Humanas o conceito possui uma compreensão diferente do usado na Física, pois após sofrer um abalo emocional ou vivenciar uma situação traumática, a pessoa não volta à forma anterior. Nesta direção, Kolling (2003) afirma que

o psiquismo humano, ao sofrer impactos, reage de forma bem distinta ao do aço. Uma dor, uma perda, uma crise, ao serem superadas, não costumam remeter de volta ao estado anterior, mas, bem ao contrario, podem remeter a outras vivencias mais gratificantes e satisfatórias (p.3).

O foco no indivíduo, na sua capacidade de autoestima e autonomia caracterizavam as pesquisas pioneiras que consideravam que a resiliência existiria por uma constituição singular do indivíduo, como traço de personalidade, ao passo que existiriam os não-resilientes, não dotados de capacidade para resistir ou para enfrentar as adversidades. Essa concepção ainda vinha associada à ideia de a resiliência ser uma característica inata.

Além de considerar a resiliência um traço, os estudos pioneiros, por exemplo, os de Souza e Cerveny (2006) e Yunes (2001), também entendiam a resiliência como uma característica permanente dos sujeitos que ainda eram considerados invulneráveis, ou invencíveis, mesmo que não fossem mais nomeados dessa maneira.

Para Rutter (1993), é justamente a nomenclatura de "invulnerável" que carrega o sentido de traço inato e permanente. A resiliência teria "herdado" esse sentido. Para ele, a ideia de invulnerabilidade nos diz que a resistência é absoluta às adversidades, logo é um ser inatingível, porém, os estudos da resiliência nada garantem que ele vai sair ileso, pois estamos tratando de seres humanos.

Silva e Alves (2007) consideram que o antigo conceito de resiliência, contemplado na teoria do traço, recebeu um novo significado, emoldurado na capacidade que o ser humano tem de sobreviver em diferentes períodos da história humana.

Passou-se a se levar em conta os efeitos entre múltiplos fatores, considerando-se também a dinâmica entre os aspectos internos e externos aos sujeitos, como a aquisição de afetos, a importância de um apego seguro, a estrutura familiar, o nível socioeconômico, a cultura e a educação. Ou seja, gradativamente atentou-se a interação entre aquilo que é subjetivo e aquilo que o meio externo oferece como suporte ao sujeito.

Brandão (2009) considera que hoje em dia é mais comum que os pesquisadores compreendam a resiliência como um processo a ser desenvolvido dinamicamente na interação do sujeito com sua história e com a adversidade com que se defronta. Neste sentido, Yunes (2003) considera que a resiliência tem tudo a ver com interações de seres humanos verdadeiramente humanos. O senso de pertença e a valorização das relações interpessoais ajudam a atribuir sentido menos grave à adversidade e o encorajamento facilita um olhar mais positivo.

Para Leal (2011), a resiliência não pode ser demonstrada há todo momento e nem em todos os aspectos, pois o sofrimento pode inibir e, de certa forma, alterar sua expressão. Neste sentido, Leal, Röhr e Acioly-Régnier (2011) destacam que o grau de resiliência varia de um indivíduo para o outro, não dependendo apenas do mesmo, mas também do contexto em que está inserido, como família, cultura, religião, aspectos socioeconômicos, organizações educativas, entre outros.

Assis, Pesce e Avanci (2006) consideram que a resiliência pode ser potencializada e que "trata-se de uma energia inerente aos seres humanos, que precisa ser nutrida e potencializada ao longo de toda a existência de cada um" (p. 13). Nesta direção, Cyrulnik (2004) aponta que um dos fatores que mais favorecem a resiliência é o apoio e o acolhimento pelos membros da rede pessoal e social. Essas pessoas atuam como "tutores de resiliência".

Antunes (2007), Tavares (2001), entre outros, mencionam que a escola é um dos espaços promotores de resiliência mais potentes que a sociedade pode implementar, pois articula o professor ao aluno, dentro de uma perspectiva de desenvolvimento humano. Consideramos que as adversidades estão inevitavelmente inseridas na vida humana, mas se os que compõem a Academia estiverem mais sensíveis a uma abordagem integral de seus alunos, poderão, efetivamente, contribuir para a superação de possíveis dificuldades de aprendizagem, preparando-os para as muitas adversidades que, certamente, enfrentarão em seu caminhar.

Fajardo, Minayo e Moreira (2010) também afirmam que a resiliência pode ser consolidada na ação docente, e que o ambiente da ação pedagógica evolui quando existe um suporte afetivo e emocional necessário para que as pessoas trabalhem em constante clima de aprendizagem. Neste sentido, como considera Leal (2010), numa verdadeira educação para a vida, o ensino deve voltar-se para a condição humana e para a construção de uma nova ética que priorize a solidariedade, a tolerância, o respeito e a autoconfiança.

Metodologia

Nosso estudo teve como base, a pesquisa qualitativa. Minayo (1995) aponta que

a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (p. 21).

Dentro da pesquisa qualitativa, como instrumento para coleta de dados, utilizamos o questionário do tipo semi-diretivo, em que se utilizam questões que irão proporcionar respostas espontâneas, com um caráter de profundidade. A sua aplicação ocorreu no próprio CAA. Para resguardar o sigilo dos alunos-participantes solicitamos que colocassem apenas as iniciais de seus nomes, o sexo, a idade e o período que cursavam.

As três questões abertas utilizadas foram: 1) O que você fez ou faz para enfrentar e superar as dificuldades encontradas

no campo de estudo e/ou pessoal? 2) Se você fosse um professor, como agiria para auxiliar os seus alunos a superarem possíveis dificuldades de aprendizagem? 3) Quais as características do (a) docente consideradas por você como inesquecíveis e que marcaram a sua vida?

Resultados e Discussões

Foram entrevistados 27 alunos, dos quais 23 foram do sexo feminino (85,18%) e quatro do sexo masculino (14,82%). Estudos indicam que o número de mulheres que procuram os cursos de formação de professores, como o curso de Pedagogia, principalmente nos níveis da Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental, é maior do que o número de homens. Rêses (2008) aborda que essa grande presença feminina no magistério já é algo que vem sendo discutido há muito tempo, que perpassa por um processo histórico. Conforme o autor, nas "profissões historicamente destinadas ao 'gênero' feminino, a função de professor é a que mais envolve um direcionamento histórico" (p. 32).

Participaram desta pesquisa 17 alunos do 3º período (63%), nove do 4º período (33,3%) e apenas um aluno do 8º período (3,7%).

Por motivos superiores, obtivemos um número reduzido de participantes e, por este motivo, deve ficar claro que os resultados deste trabalho não representam, majoritariamente, os licenciandos do Curso de Pedagogia da UFPE/CAA. Ainda assim, decidimos utilizá-los considerando-os apenas como um recorte dentre a amostragem geral. Apresentaremos, a seguir, as respostas fornecidas pelo público participante.

Por uma questão didática e pela limitação natural de qualquer artigo científico, discutiremos apenas os resultados mais frequentes. Além disso, é válido ressaltar que a maneira pela qual a entrevista foi elaborada favoreceu a liberdade do aluno, que pôde fornecer várias respostas para uma única pergunta. Por este motivo, elas foram superiores ao número de participantes.

Em relação à *primeira pergunta* "o que você fez ou faz para enfrentar e superar as dificuldades encontradas no campo de estudo e/ou pessoal?" foram obtidas um total de 39 respostas, agrupadas de acordo com a temática desenvolvida e, posteriormente, divididas em oito tópicos.

Os dois primeiros tópicos estiveram relacionados à: reconhecer as possíveis soluções procurando os colegas e professores (43,58%), se organizarem para trabalhar as dificuldades e os horários de estudos (33,33%) e terem pensamento positivo e ânimo para não desistir (7,69%). O restante das respostas (15,4%) se relacionou à: abdicar do trabalho, priorizar os estudos e estudar individualmente. Essas respostas sugerem que a grande maioria apresenta uma postura de busca de superação do problema, não se deixando influenciar pelas dificuldades em sala de aula e buscando soluções a fim e encontrar um meio para superá-las.

Além disso, percebemos o quanto a relação humana foi valorizada na superação das dificuldades, já que a maioria dos licenciandos tem como relevante o estudo partilhado e o convívio com os demais (professores e colegas).

Para Soria, Blandtt e Ribeiro (2007) "um desenvolvimento bem-sucedido é uma questão de encontrar maneiras favoráveis de administrar a vida dentro do ambiente, de modo que o indivíduo alcance suas metas de vida (p. 3)".

Diante da análise dos dados é possível concluir que mesmo que os indivíduos não conheçam o significado do termo resiliência, em 100% das respostas, encontramos posturas de superação e de embate diante das adversidades (YUNES, 2003). Neste sentido, nenhum discente mencionou a ausência de forças para enfrentar os problemas vivenciados, sempre apontando possíveis saídas em busca de superação. Destacamos que mesmo na 7ª resposta, que menciona "adaptar-se ao estudo", não a entendemos como uma postura passiva, já que a capacidade de adaptação também faz parte de posturas resilientes.

Sobre a *segunda questão*, "se você fosse um professor, como agiria para auxiliar os seus alunos a superarem possíveis dificuldades de aprendizagem?", encontramos duas grandes áreas: uma relacionada a uma abordagem humanista, buscando compreender os contextos dos alunos (53,13%) e outra ligada à competência técnica, aos aspectos metodológicos (46,87%). Percebemos potenciais aproximados, havendo, contudo, um predomínio das respostas dadas em relação a uma estratégia pedagógica mais humanizada, o que muito nos agradou.

Para Santiago (2011), a formação não deve se constituir por um ato impositivo, por um decreto, não podendo ser de caráter minimalista, banalizada e sem um laço de confiança. Ela precisa estar fincada no diálogo, criando novas possibilidades do educador desenvolver suas estratégias de ensino. Segundo Leal, Röhr e Acioly-Régnier (2011, p. 6), "o professor necessita de amor, paciência, esperança, persistência e disciplina para ajudar os alunos no enfrentamento das adversidades porventura surgidas".

Acreditamos que quando há uma relação humanizada entre professor e aluno, estabelece-se um laço de afetividade, possibilitando àquele interferir na formação deste, que passará a reconhecer o educador como alguém que irá contribuir para sua formação não só acadêmica, mas também de vida.

Esperamos que os licenciandos que deram uma maior importância aos aspectos humanos do que os técnicos,

realmente assumam esta postura quando estiverem assumindo o outro lado da relação, ou seja, quando se tornarem professores.

Por fim, em relação à *terceira questão*, "quais as características do (a) docente consideradas por você como inesquecíveis, que marcaram a sua vida?", destacamos que quase 60% dos entrevistados (57,89%) mencionaram que os docentes considerados inesquecíveis foram os dotados de um perfil claramente humano. Eles foram caracterizados como: humildes, compreensivos, atentos, pacientes, dedicados, motivadores, flexíveis, carinhosos, companheiros, amigos e confiantes.

Como diria Jaspers (1973), para educar temos que ser alguém. A formação do educador vai além da área técnica e profissional, sendo prioritária a sua dimensão humana. No momento em que não alcançamos uma coerência entre nossa convicção e nossa vida, não se espera que alcancemos exercer a função plena de educador. A formação mais importante, que é a humana, fica prejudicada. Assim, não é interessante ter uma "didática perfeita" se humanamente não temos valor. Neste raciocínio, o educador deve começar consigo mesmo.

Assim, para Röhr (2004), quanto mais conhecimentos o educador adquire na sua conceituação de integralidade do ser humano, mais orientações dispõe para nortear a sua prática pedagógica, sendo a multidimensionalidade do pedagógico, o ponto de partida para qualquer reflexão sobre a formação do educador.

A partir da postura do educador, é possível se cativar, motivar e deixar marcas positivas nos alunos, remetendo a outras vivências, mais gratificantes e satisfatórias. Caso contrário, poderá levá-lo à desmotivação ou até mesmo à evasão escolar (KOLLING, 2003).

Em segundo lugar, as características que mais marcaram os alunos se relacionaram à competência técnica, tais como: aulas instigantes, interativas e dinâmicas, dotadas de clareza de objetivos (28,07%). Em 14,04% das respostas os alunos consideraram como inesquecíveis aqueles professores que possuíam domínio do conteúdo, ter um olhar crítico e amar o que faz.

As respostas da terceira questão estão em consonância com a maioria das respostas obtidas na segunda questão, quando apareceu, majoritariamente, a necessidade de uma relação mais humanizada entre professores e alunos, importante para a superação das dificuldades de aprendizagem.

Considerações finais

Ao analisar as respostas mencionadas por alguns licenciandos do Curso de Pedagogia da UFPE/CAA, podemos referir que houve uma importante valorização dos professores terem posturas mais humanas com seus alunos, posturas estas que não excluem a necessidade da técnica e do aparato metodológico. Parece haver uma compreensão de que um tratamento mais humano pode repercutir favoravelmente na subjetividade dos alunos, certamente fortalecendo a sua resiliência, enquanto capacidade de superação de dores e desafios no âmbito não apenas pedagógico, mas também pessoal.

Apesar do termo resiliência não ter sido citado na íntegra, suas características aparecem nas impressões e posturas dos licenciandos, não estando dependente apenas do mesmo, mas também do contexto cultural, social e histórico em que estão inseridos. Neste sentido, uma situação poderá ser positiva ou negativa dependendo da compreensão de quem interpreta, pois há indivíduos que vivem em meio à adversidade e ainda assim conseguem buscar e encontrar meios de superá-la.

Outro aspecto merecedor de destaque foi a importância majoritária dada à interação (professor-aluno e aluno-aluno) na superação das dificuldades de aprendizagem. Sabemos que compreender o contexto social em que a pessoa está inserida e como está pautada a sua interação com o mundo circundante são subsídios para uma boa formação humana, características estas que prevaleceu nas respostas obtidas na entrevista focando o campo educacional.

Acreditando na importância da interação professor aluno para a formação humana é fundamental, portanto, que a escola crie um ambiente educacional rico e estimulante, fazendo da resiliência a característica central de seu modelo de organização. O fortalecimento dessa capacidade não deve estar ausente dos processos de formação docente, estando incluso nos saberes necessários à sua prática (ANTUNES, 2007).

Na medida em que o educador adquirir um maior e melhor conhecimento da importância do educar terá meios mais efetivos de aproximação com seus alunos, fará da sua prática uma ponte que ligará as múltiplas dimensões que deverão sempre ser reconhecidas no processo de crescimento e amadurecimento pessoal e pedagógico. Neste momento, e talvez apenas neste, o educador se fará definitivamente presente na vida destes alunos, eternizado nas lembranças não necessariamente livres de sofrimento, mas permeadas de compreensão, parceria e de confiança em seus potenciais.

Esperamos que os licenciandos do Curso de Pedagogia da UFPE/CAA participantes deste breve estudo, não esqueçam, jamais, o valor ora conferido à formação humana de seus futuros discentes, sabedores das

responsabilidades futuramente assumidas diante daqueles que atravessarão, inevitavelmente, os seus caminhos.

Referências

ANTUNES, C. **Resiliência:** A construção de uma nova pedagogia para uma escola pública de qualidade. 4. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

ASSIS, S. G.; PESCE, R. P.; AVANCI, J. Q. Resiliência: enfatizando a proteção dos adolescentes. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BRANDÃO, J. M. **Resiliência:** De que se trata? O conceito e suas imprecisões. 2009. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, Belo Horizonte, 2009.

CYRULNIK, B. **Os patinhos feios.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FAJARDO, I. N.; MINAYO, M. C. de S.; MOREIRA, C.O.F. Educação escolar e resiliência: política de educação e a prática docente em meios adversos. **Ensaio: aval. Pol. Públ. Educ.,** Rio de Janeiro, v.18, n. 69, p.761-774, out./dez. 2010.

FLACH, F. **Resiliência:** a arte de ser flexível. São Paulo: Saraiva, 1991.

JASPERS, K. **Filosofia da existência**. Trad. Marco Aurélio de Moura Matos. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1973.

KOLLING, J. I**. Resiliência no ambiente escolar**. Disponível em: <http://padrejoaoinacio.blogspot.com.br/2013/10/resiliencia-no-ambiente-escolar.html>. Acessado em 15 set. 2013.

LEAL, A. L. G.; RÖHR, F.; RÉGNIER, N. A**. A resiliência e seus efeitos na pratica docente**. In: Congresso Nacional de Psicologia Escolar e Educacional, 2011. Maringá. 2011. P.6. Disponível em: < http://www.abrapee.psc.br/xconpe/trabalhos/1/32.pdf>. Acesso em 01 jun. 2014.

LEAL, A.L.G. **Resiliência e Formação Humana em Professores: em busca da integralidade.** Recife: Ed. Universitária, 2011.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria método e criatividade**. 18ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995, p. 21.

POLETTO, M.; KOLLER, S. H. Contextos ecológicos: promotores de resiliência, fatores de risco e proteção. **Estudos de Psicologia**. Campinas, 2008*, 25* (3), 405-416.

RÊSES, E. S. **De vocação para profissão: organização sindical docente e identidade social do professor.** 2008. 308 f. Tese de Doutorado, Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília, Brasília.

RÖHR, F. **Liberdade e Destino**: Reflexões sobre a Meta da Educação. Salvador: Ágere, 2004. CD-ROM, p. 1-18.

RUTTER, M. Some conceptual considerations. **Journal of adolescent health.** San Francisco, Califórnia, 14, pp 626-631. 1993.

SANTIAGO, B. N. **Diálogo, confiança e amizade na formação humana:** Aproximações entre Martin Buber e Aristóteles**,** 2011. Disponível em: <http://www.ruef.net.br/uploads/biblioteca/6cf4c9a6bbb5e0fb25bacffb222e47d6.pdf>. Acessado em 10/04/2014.

SILVA, A. I. da; ALVES, V. P. Envelhecimento: Resiliência e Espiritualidade. História de vida de idosos: superar as adversidades sem perder o senso de integridade. **Diálogos Possíveis.** Revista da Faculdade Social da Bahia. Salvador, Bahia. Janeiro/junho, 2007.

SIMÕES, C. M. **Conhecimento pedagógico e desenvolvimento humano.** Universidade do Algarve, 1996.

SOUZA, M. T. S.; CERVENY, C. M. O. Resiliência: introdução à compreensão do conceito e suas implicações no campo da psicologia. **Revista Ciências Humanas**. Taubaté, 12 (2), 21-29. 2006. Disponível em: http:// www.unitau.br/scripts/prppg/humanas/dowload/humanas.pdf.

SORIA, H. B. E.; BLANDTT, L. S.; RIBEIRO, J. C. Resiliência: a capacidade de adaptação e/ou transformação nas desigualdades sociais. In: **III Jornada Internacional de Politicas Publicas**, 2007, São Luís, MA, 2007. Disponível em <http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinppIII/html/mesas/c8b2dcffea0bcdf77c7fHeliana_Lucinaldo_Jorgeane.pdf>. Acessado em 05/06/2014.

SUDBRACK, M. F. O.; DALBOSCO, C. **Escola como contexto de proteção:** refletindo sobre o papel do educador na prevenção do uso indevido de drogas. Anais do I Simpósio Internacional do Adolescente: maio, 2005. Disponível em <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000082005000200082&script=sci_arttext>. Acesso em 10 de outubro de 2008.

TAVARES, J. (Org**.). Resiliência e educação**. São Paulo: Cortez, 2001.

YUNES, M. A. M. **A questão triplamente controvertida da resiliência em famílias de baixa renda.** 2001. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

_____Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 8, num. esp., p. 75-84, 2003.

[1] Maria Aparecida Alves da Silva (Autor). Graduanda em Licenciatura – Matemática pela Universidade Federal de Pernambuco/Centro Acadêmico do Agreste (UFPE/CAA); Integrante do Grupo de Pesquisa “Educação e Espiritualidade” (UFPE/CE); Membro da Linha de pesquisa “Psicologia, Espiritualidade e Integralidade na Educação” (UFPE/CE). E-mail:cidalves20@hotmail.com.
[2] Ana Lúcia Galvão Leal (Coautor). Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE; Professora Adjunta da UFPE/Centro Acadêmico do Agreste – CAA/ Núcleo de Formação Docente – NFD; Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática; Integrante do Grupo de Pesquisa: “Educação e Espiritualidade” (UFPE/CE); Coordenadora da Linha de pesquisa “Psicologia, Espiritualidade e Integralidade na Educação” (UFPE/CE). Orientadora e Coautora do presente trabalho. E-mail: analealchaves@yahoo.com.br.

Recebido em: 04/07/2015
Aprovado em: 06/07/2015
Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort
Metodo de Avaliação: Double Blind Review
E-ISSN:1982-3657
Doi: